

A SEMANA – 229*

18 de outubro de 1896

Não se diga que a febre amarela tem medo ao saneamento; mais depressa o saneamento terá medo à febre amarela.¹ Em vez de o temer, pôs a ponta da orelha de fora esta semana, e se a tinha posto antes, não sei; eu não sou leitor assíduo de estatísticas. Não nego o que valem, as lições que dão, e a necessidade que há delas para conhecer a vida e a economia dos Estados; mas entre negar e adorar há um meio-termo, que é a religião de muita gente.

A ponta da orelha que eu vi, foi um caso único do dia 15, publicado ontem, 17.² Não tem valor, comparado naturalmente a outras doenças; mas tal é a má fama daquela perversa, que um só óbito basta para assustar mais que um obituário inteiro de várias enfermidades, ou até de uma só. O vulgo não reflete que, bem observadas as coisas, ela nunca saiu daqui; uns anos cochila e cabeceia, outros dorme a sono solto, e, se acorda, é para esfregar os olhos e tornar a dormir; há, porém, os anos de vigília pura, em que não faz mais que entrar pelas casas alheias e obrigar a gente a dançar uma valsa triste, muitas vezes a última.

Desta vez pode ser, e é bom esperar que seja uma espécie de *memento*,³ para que as vítimas possíveis se acautelem do mal, indo vê-lo de longe. Também pode não passar

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 292, p. 1, 18 out. 1896) e SEM1953 (v. 3, p. 303-309). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ A questão do saneamento básico era recorrente em jornais cariocas do século XIX. A título de exemplo, transcrevemos um trecho do artigo intitulado “MELHORAMENTOS DA CIDADE”, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXI, n. 96, p. 2, col. 6, 6 abril 1895), assinado por C. Barata Ribeiro, sobre o “pensamento que movimentou a opinião em prol dos melhoramentos desta cidade”: “Não haverá quem pretenda que o alargamento das ruas resolva a crise da insanidade geral, é certo; invertam-se, porém, os termos da questão e chegar-se-á a resultados disparatados. Com efeito, realizem-se imaginariamente muitas outras reformas; aterrem-se pântanos, removam-se monturos, corrijam-se as emanações dos esgotos, inspecione-se a canalização do gás, metodize-se a distribuição das águas, tudo mais que quiserem, e aí ficarão nesta terra da promessa, os extensos vales a que se chamam ruas com as suas atmosferas pesadas, estagnadas, quentes, fétidas de todas as impurezas que fermentaram-lhe nas superfícies, emparedados por altos edifícios sombreando-lhes o aspecto lúgubre, com a feição triste da vala comum para os enterramentos em massa!”

² *O Paiz* (ano XIII, n. 4398, p. 2, col. 8) do dia 17 de outubro de 1896 informou que, no dia 15, foi registrado um caso de febre amarela no Rio de Janeiro.

³ *memento*: imperativo latino, “lembra-te”. Incorporada ao léxico do português, é substantivo, que tem o sentido de “lembança, recordação”. (HOUAISS, 2001)

disto, um caso em outubro, dois em novembro, três e quatro em outros meses, até acabar o verão. Querem, porém, alguns que, pouca ou muita, enquanto a tivermos em casa, não há relatórios que a matem. As mais hábeis comissões não lhe tiram a alma. Há quem lhe tenha ouvido dizer: – Podem citar para aí os autores que quiserem, combater ou apoiar as opiniões todas deste mundo e do outro,⁴ enquanto não passarem da biblioteca à rua e da palavra à ação, é o mesmo que se dormissem. Ora, a ação de entestar com o mal, atacá-lo e vencê-lo, por meio de um trabalho longo, constante, forte e sistemático, é tão comprida que faz doer o espírito antes de cansar o braço, e é preciso tê-los ambos de ferro. Se a agregada nossa confia nisso, é mister que perca a fé.

Nada do que fica aí é novo; a febre é velha, velhas as lástimas, velhíssimos os esforços para destruir o mal, e têm a mesma idade os adiamentos de tais esforços. Quando aqui apareceu o cólera, há muitos anos, – não por ocasião do ministro Mamoré, que o mandou embora,⁵ – falo da primeira vez, o destroço foi terrível, e a doença teria feito a lei da abolição por um processo radical,⁶ se não fosse o judeu errante⁷ que é, que não para nunca, e tão depressa entra como sai. A amarela é caseira, gosta de cômodos próprios e não exige que sejam limpos nem largos; a questão é que a deixem ficar. Uma vez que a deixem ficar, podem discuti-la, examiná-la, revirá-la, redigir relatórios sobre relatórios, oficiar, inquirir, citar; *words, words, words*, diz ela para também citar alguma coisa. E, não saindo de Hamlet: “Se o sol pode fazer nascer bichos em cachorro morto...”⁸ Não serão cães mortos que lhe faltem. Quanto ao lençol de água, vê-lo-emos feito um formidável lençol de papel. *Papers, papers, papers.*⁹

⁴ outro,] outro; – em SEM1953.

⁵ Em 1886, o ministro e secretário de Estado dos Negócios do Império, Ambrósio Leitão da Cunha (1821-1898), barão de Mamoré, estabeleceu o Conselho Superior de Saúde Pública, que procurava organizar o serviço de saneamento básico do Rio de Janeiro. A reforma empreendida por Mamoré tinha por objetivo combater doenças epidêmicas, como, por exemplo, o cólera.

⁶ A epidemia de cólera de 1855-1856 causou grande número de óbitos, sobretudo de escravos e de pessoas pobres. (Ver KODAMA, Kaori *et al.*, 2012)

⁷ Luís da Câmara Cascudo (2000, p. 313), no *Dicionário do folclore brasileiro*, no verbete “judeu errante”, registrou: “É uma figura mais literária que popular, ligada às comemorações da Semana Santa, Quinta-feira Santa e Sexta-feira da Paixão, que lembram o suplício e a morte de Jesus Cristo. A tradição veio de Portugal, de uma lenda surgida na Europa no século XIII, e de reminiscências bem mais antigas, cuja menção nas estórias orais vai desaparecendo.” No conto “Viver!” – publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* (3º Suplemento Literário, 28 fev. 1886), e recolhido em livro (*Várias histórias*) em 1896 –, o “judeu errante” é personagem central. Em nota à primeira ocorrência do nome “Ahasverus”, no referido conto, a equipe editorial responsável pelo site *Machadodeassis.net* informa: “Segundo a tradição judaico-cristã, quando Cristo caminhava vergado sob a cruz, desejou descansar um momento diante da porta de Asaverus (ou Ahasverus, ou Aasverus), sendo brutalmente repellido; para castigá-lo, o Senhor lhe teria dito: ‘Serás errante sobre a Terra até que eu venha.’ E, desde então, o Judeu Errante caminha constantemente, sem achar repouso, condenado à imortalidade.” (Disponível em: <<https://machadodeassis.net/texto/viver/31530/>>)

⁸ Duas citações de *Hamlet* (ato II, cena II), de Shakespeare: “*words, words, words*” (“Palavras, palavras, palavras.”) e “Pois se o Sol gera larvas num cão morto, que é boa carcaça para beijar...” (SHAKESPEARE, 2022, p. 64. Tradução de Bárbara Heliodora) As citações são falas de Hamlet em diálogo com Polônio.

⁹ “Papéis, papéis, papéis.” [Trad. nossa] Trata-se, naturalmente, de paródia de “*words, words, words*”. Sobre o “lençol de água”, ver “A Semana – 222” (30 ago. 1896), especialmente a nota 15.

Os italianos não creem no mal. Assim o dizem as estatísticas, em que eu, como acima confessei, piamente acredito sem as frequentar muito. Portugueses e alemães vêm depois deles, muito abaixo, e ainda mais abaixo franceses, russos, belgas, ingleses e outros. Quem crê deveras na febre,¹⁰ é o chim; no ano passado não entrou nenhum, dizem as estatísticas; mas por que notam elas esta ausência do chim, e não citam a do abexim?¹¹ Eis aí um mistério, que não será o primeiro nem o último das estatísticas. Conquanto um artigo de folha genovesa diga que a colônia italiana acabará por absorver a nacionalidade brasileira,¹² eu não dou fé a tais prognósticos; mas quando italianos nos absorvessem, seriam outros, não seriam já os mesmos. Há aí na praça um napolitano grave, influente, girando com capitais grossos, velho como os italianos velhos, que orçam todos pela dura velhice de Crispi e de Farani.¹³ Pois esse homem vi-o eu muita vez tocar realejo na rua, simples napolitano, recebendo no chapéu o que então se pagava, que era um reles vintém ou dois. Tinha eu sete para oito anos; façam a conta. Vão perguntar-lhe agora se quer ser outra coisa mais que brasileiro, se não da gema, ao menos da clara.

A propósito de realejo napolitano, li que em uma das levas de Gênova para cá veio como agricultor um barítono.¹⁴ Ele, e um mestre de música, perguntando-se-lhes o que vinham fazer ao Brasil, parece que responderam ser este país grande e cá enriquecerem todos: “Por que não enriqueceremos nós?” concluíram. Não há que censurar. A voz pode levar tão longe como a manivela. Demais, a terra é de música, e a música é de todas as artes aquela que mais nos fala à alma nacional. Um barítono, com boa voz e arte castigada, pode muito bem enriquecer, – ou, pelo menos, viver à larga. Tanto ou mais ainda um tenor e um soprano. Nem só de café vive o homem, mas também da palavra de Verdi e de Carlos Gomes.

Dado, porém, que vivamos só de café, e não devamos cuidar de mais nada que de cultivar esta preciosa gramínea,¹⁵ ainda assim o barítono pode muito bem ser aceito e

¹⁰ febre,] febre – em SEM1953.

¹¹ Não localizamos essas estatísticas. Machado de Assis alude, aqui, à “Primeira Guerra Ítalo-Etíope” (1895-1896), em que os italianos foram vencidos pelos abexins (etíopes), liderados por Menelique (1844-1913), na Batalha de Ádua (março de 1896). Em consequência da derrota, caiu o gabinete do primeiro-ministro Francesco Crispi (1818-1901).

¹² Não localizamos a “folha genovesa” a que Machado de Assis se refere.

¹³ Francesco Crispi (1818-1901) ocupou o cargo de primeiro-ministro da Itália em dois momentos: 1887-1891 e 1893-1896. Domenico e Cesare Farani chegaram ao Brasil em 1845 e se estabeleceram no Rio de Janeiro. Em 1846, abriram uma pequena joalheria na rua dos Ourives, *Casa Domingos Farani & Irmãos*, e posteriormente se mudaram para a rua do Ouvidor. Franco Cenni, a propósito da joalheria, escreveu: “[...] pela fidalguia de seus proprietários e pela sua grande sensibilidade artística, logo se transformou num centro de reuniões em que clientes e amigos mantinham animadas discussões sobre temporadas teatrais ou qualquer outra manifestação artística da capital”. (SATIN, 2018, p. 38) O cronista deve estar se referindo a Cesare Farani, citado em “A Semana – 96”, crônica de 25 de março de 1894. (*Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, p. 87-91, jul.-dez. 2018.)

¹⁴ Não localizamos a fonte da informação.

¹⁵ Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 307) registrou em nota: “Assim está na *Gazeta de Notícias*, em vez de *rubiácea*.”

colocado. A fábula reza de Orfeu, que levava os animais com a simples lira que os gregos lhe deram. Por que não há de fazer a voz humana a mesma coisa às plantas? A semente lançada à terra escutará as melodias e porá o grelo de fora; com elas crescerá o talo, bracejarão os galhos, verdejarão as folhas, enrubescerão as flores¹⁶ e abotoarão os grãos, que mais tarde havemos de exportar e de beber também.

Seja milagre, mas é natural que a terra de Carlos Gomes neste particular faça milagres. O Rio de Janeiro recebeu os restos do nosso maestro com as honras merecidas. S. Paulo vai guardá-lo como um dos mais célebres de seus filhos. O Pará, que o viu morrer, aqui o mandou, depois das mais vivas provas de que a unidade nacional existe.

Anteontem, fui ao arsenal de guerra ver sair o féretro do autor do *Guarani* e da *Fosca*,¹⁷ para ser conduzido à igreja de S. Francisco de Paula e ouvi a marcha fúnebre de Chopin que a banda militar tocava;¹⁸ não pude deixar de recordar os longos anos passados, quando o préstito era outro, e saía de outro lugar, – o teatro Provisório que lá vai – e descia pela rua da Constituição.¹⁹ Era de noite; o maestro tinha estreado, sem Itália nem *Guarani*, mas eram tais as esperanças dadas, e tão jovens e ardentes éramos todos os que por ali íamos aclamando a estrela nascente! A música era a dos nossos peitos, podeis adivinhar se fúnebre ou festiva. Perguntai aos ecos da praça Tiradentes, – naquele tempo Constituição, e vulgarmente Rocio Grande, – perguntai o que eles ouviram, e se são ecos fiéis dirão coisas belas e fortes. O meu querido Salvador, que ia à testa da legião, recordá-las-á com saudade, quando ler a notícia das honras últimas aqui dadas ao maestro de Campinas.²⁰

Realmente, a diferença foi grande; uma vida inteira enchia o espaço decorrido entre as duas datas, e as melodias de Gomes estavam agora na memória de todos. Muitos que as repetiam consigo, não eram ainda nascidos por aquele tempo; os que eram moços, como esses são agora, viram branquear os cabelos e entraram no préstito com a alma igualmente encanecida; a evocação do pretérito os terá remoçado. Outros, enfim, nem moços nem velhos, ali não compareceram, por terem sido eliminados antes.

¹⁶ A flor do café é branca. Teria sido o verbo “enrubescer” usado por razão estilística? O grão de algumas variedades de café é que, quando maduro, é vermelho.

¹⁷ Luís Carlos Gomes (1836-1896) compôs sua primeira obra (uma *Missá*) em 1854. Em 1863, compôs *Joana de Flandres*, que lhe rendeu uma pensão do Governo Imperial para estudar na Europa. Formou-se no Conservatório de Milão (1864-1866), tendo sido aluno do compositor Lauro Rossi. Enquanto estudava, escreveu *O Guarani*, que estreou com sucesso no Scala de Milão, em 1870. Em seguida, retornou ao Rio de Janeiro, onde apresentou a ópera – também com enorme sucesso. Em 1871, iniciou a composição da *Fosca*, que estreou em 1873 (Milão) e em 1874 (Rio de Janeiro).

¹⁸ Notícia sobre a chegada do corpo de Carlos Gomes ao Rio de Janeiro pode ser lida na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 291, p. 2, col. 1-5, 17 out. 1896).

¹⁹ Referência à ópera *Joana de Flandres*, de Carlos Gomes, e libreto de Salvador de Mendonça, que estreou em 15 set. 1863 no teatro Lírico Fluminense (antigo teatro Provisório) no Rio de Janeiro.

²⁰ Salvador de Mendonça (1841-1913) foi advogado, escritor e diplomata brasileiro. Em 1875, iniciou a carreira diplomática. Na ocasião em que Machado de Assis escreveu esta crônica, residia nos Estados Unidos e trabalhava na embaixada do Brasil.

Não falo dos que estão ainda em gérmen, e repetirão mais tarde as composições de Gomes. A matéria é ótima para uma dissertação longa; o lugar é que o não é, nem o dia.

Fiquemos aqui; ou antes, voltemos à Itália e aos seus cantores. Que venham, eles, barítonos e tenores, e nos trarão, além da música que este povo ama sobre todas as coisas, as próprias melodias do nosso maestro, e assim incluiremos um artigo no acordo que ela está celebrando com o governo brasileiro,²¹ porventura mais vivo e não disputado. Também ela amou a Carlos Gomes, não por patriotismo, que não era caso disso, mas por arte pura.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 292, p. 1, 18 out. 1896. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15109>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

²¹ Referência às negociações diplomáticas entre Brasil e Itália para solucionar reclamações de imigrantes italianos residentes no país, que “previam o pagamento de indenizações aos reclamantes.” Sobre esse assunto, ver “A Semana – 222”, de 30 de agosto de 1896, especialmente as notas 2 e 8, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BRANDÃO, José Maurício. Ópera no Brasil: um panorama histórico. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 31-47, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/%20musica/article/view/22543/13404>>.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9. ed. Revista, atualizada e ilustrada. São Paulo: Global, 2000.

CENNI, Franco. *Italianos no Brasil: “Andiamo in Merica”*. São Paulo: Edusp, 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KODAMA, Kaori *et al.* Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* [online]. 2012, v. 19, p. 59-79. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000500005>>.

SATIN, Ionara. *A Itália de Machado de Assis: um olhar de cronista*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2018.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Bárbara Heliadora. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2022.

SILVA, Marcos Rafael da. *Os protocolos italianos (1892-1898)*. 2018. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06092018-150804/pt-br.php>>.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.